

CONFERÊNCIA

Colóquio Internacional: *Identidade, Representação e Narrativa no Mundo de Língua Portuguesa* (convite)¹.

Organização: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília

Brasília, 30 de Março de 2010

Título: “Mulheres “Aventureiras” No Império Português”²

I

Em Portugal até aos anos 70 do século XX a história da mulher não interessou — ou quase não interessou — aos historiadores da Expansão. Preocupava-os sobretudo uma história dos laços marítimos, sociais e económicos formais que sustentaram a empresa marítima. Os estudos de género, classe, raça e etnicidade, violência, modernidade e identidade no Império português, só tardiamente começaram a despertar interesse e nem sempre os temas foram investigados por nacionais. O primeiro trabalho surgiu com Boxer, *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica*³, seguido do trabalho de Elaine Sanceau, *Mulheres Portuguesas no Ultramar*.⁴ Boxer deu-nos uma visão panorâmica, pioneira e concisa, lembrando diferentes “tipos” de mulheres, tanto de origem europeia como locais. Esta perspectiva foi alargada com o *Congresso sobre O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa* (1994)⁵ e, mais tarde, a Revista *Oceanos*⁶ dedicou

¹ A participação nesta reunião científica teve o apoio da FCT.

² Texto foi elaborado, apenas, para a conferência e foi sugerido pela coordenação do Colóquio. Pretendemos: sumariar alguns aspectos sobre os estudos da história da mulher em Portugal e Brasil e fazer uma leitura do livro de Rosário Sá Coutinho, *Mulheres Aventureiras. Portuguesas Espalhadas Pelos Quatro Cantos do Mundo*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009, assunto abordado na 2ª parte da comunicação.

³ Lisboa, Livros Horizonte, 1975.

⁴ Porto, Civilização, 1978.

⁵ Também em 2005 (Bahia) e 2006 (Porto) se organizou o I e II Congresso Internacional: *Escravidão, Orfandade e Pobreza Femininas no Império Colonial Português (séculos XVI a XX)*, dos quais se

um número ao tema. Investigações mais específicas apareceram posteriormente com os trabalhos de Timothy Coates na sua obra, *Degredados e Órfãs: colonização dirigida pela coroa no Império português. 1550-1755*⁷, Arlindo Manuel Caldeira, *Mulheres, Sexualidade e Casamento no Arquipélago de S. Tomé e Príncipe (séc. XV e XVIII)*⁸; Ana Maria Amaro, “Moças, Amais, Bichas e Criações: As mulheres esquecidas de Macau”⁹ e Ivo Carneiro de Souza, “Escravidão, Orfandade e Mercado Nupcial: estratégias de educação e formação femininas da Misericórdia de Macau (séculos XVI-XVIII)”¹⁰. É portanto, um conhecimento insuficiente, marcado mais por artigos isolados e não por trabalhos comparativos, construtivos e de grande síntese.

Mas, foi sob o conforto do actual estado da arte, no Brasil, particularmente no que diz respeito ao período colonial que nos conduziu a uma “digressão” por outros caminhos, por outros corredores, menos habituais na historiografia portuguesa. A temática será pois um contributo para o estudo do Império Colonial Português, permitindo descrever e conceptualizar comportamentos culturais, religiosos e políticos, formas de organização e movimentação social, esclarecendo o passado das sociedades e culturas de presença colonial, com particular destaque para os temas de inferioridade social feminina.

aguardam a publicação das respectivas actas. Na Universidade de Macau, 2-5 de Maio de 2007, realizou-se o III Congresso – *A Vez e a Voz da mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e outros lugares* – o livro de actas encontra-se no Prelo.

⁶ n° 21, Janeiro/Março, CNPCDP, 1995),

⁷ Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998

⁸ Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. Neste ano foi também publicado um estudo de Isabel dos Guimarães Sá, Quando o rico se faz pobre: *Misericórdias, caridade e poder no império português 1500-1800*, Lisboa, Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – aqui são analisadas instituições que dedicando-se à prática da caridade, acaba por nos dar a conhecer aspectos do universo feminino no império.

⁹ Separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 117, n° 1-2, Janeiro-Dezembro, 1999.

¹⁰ *Revista de Cultura*, Macau, 2003. Aconselhamos a leitura de: Fátima da Silva Gracias, *A Kaleidoscope of Women in Goa*, New Delhi, Concept, 1998. Também sobre o Sudeste Asiático foi publicado: *Women, Gender and History in Early Modern Southeast Asia*, Ed. Barbara Watson Andaya, 2000 (isto é um exemplo do que se escreve lá fora, mas infelizmente quase nunca chegam às livrarias e bibliotecas portuguesas). Indicamos duas publicações nossas: “The “Other” woman in the Portuguese Overseas Space: the Case of Portuguese India”, *Eastwards/ Westwards: Which Direction For Gender Studies In The XXIST Century?*, Editor: Clara Sarmento, Publisher: Cambridge Scholars Publishing, 2007, cap. VI, pp. 131- 142. “Mujeres en el Brasil Colonial: El caso del Recogimiento de la Santa Casa de la Misericórdia de Bahia a través de la Depositada Teresa de Jesus”, *Historias compartidas. Religiosidad y reclusión femenina en Espanha, Portugal y América. Siglos XV-XIX*, (coordenação de Rosalva Loreto Lopes (Un. De Puebla. México) e Maria Isabel Viforcós (U. Leon), Ed: Universidad de León / Instituto de Ciências Sociales y Humanidades “Alfonso Velez Pliego e Benemérita Universidade Autónoma de Puebla, Un. de Leon e do México, 2007, pp. 339-366.

Entre os historiadores brasileiros que mais atenção têm dedicado aos estudos sobre a mulher, a família e a sociedade no Brasil colonial, destacamos: Maria Beatriz Nizza da Silva, Leila Mezan Algranti, Mary Del Priore, Eni Mesquita Sâmara, Lana Lage, , Laura Melo e Sousa, Lígia Bellini, Ronaldo Vainfas, Muriel Nazzari e Emanuel Araújo, Luíz Mott, entre outros¹¹. Beatriz Nizza da Silva desde o início dos anos 70 do século XX, não só se encontra entre as pioneiras como tem sido uma das investigadoras que mais atenção dedicou ao assunto, introduzindo aspectos quer metodológicos quer temáticos que muito contribuíram para o desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres¹². No entanto, num artigo escrito em 1976 escrevia que só se estudando “uma história regional em profundidade nos abre o caminho para o estudo do Brasil colonial, permitindo-nos assim a comparação das semelhanças e das diferenças assinaladas nas diversas capitanias e evitando generalizações inadequadas, que por vezes caracterizam infelizmente a produção histórica brasileira”¹³. Para a historiadora é sempre difícil, sem levar em conta as particularidades regionais, a oposição entre a população dispersa nos imensos sertões e aquela que vivia concentrada nas vilas e cidades mais próximas do litoral. Também o mito da mulher submissa e trancada dentro da “casa grande” não se

¹¹ Para uma abordagem historiográfica mais completa ler: Margareth Rago, “As mulheres na historiografia brasileira”, Zélia Lopes Silva (org.), *Cultura histórica em Debate*, Afiliada, 1995. Maria Beatriz Nizza da Silva, *Sistema de casamento no Brasil Colonial*, São Paulo, EDUSP, 1984, *História da Família no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998; *Donas e Plebeias na Sociedade Colonial*, Lisboa, Estampa, 2002; Ângela Mendes de Almeida et al, *Pensando a família no Brasil, Da colônia à modernidade*, Rio de Janeiro, Co-edição Espaço e Tempo/ Editora UFRJ, 1987; Mary Del Priore, *Ao Sul do Corpo – condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1993; Eni de Mesquita Samara, *As mulheres, o poder e a família, São Paulo século XIX*, São Paulo: Marco-Zero & Secretaria de Estado da Cultura de S. Paulo, 1989; Lana Lage (org.), *Mulheres, adúlteros e padres. História e moral na sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987; *História das Mulheres no Brasil*, (Coord. Mary Del Priore), São Paulo, Contexto, 2000; Lígia Bellini, *A coisa obscura: mulher, sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*, S. Paulo; Brasilense, 1989; Laura de Mello Souza e, *Inferno Atlântico: demonologia e colonização*, S. Paulo: Companhia das Letras, 1993; Ronaldo Vainfas, *Trópicos do Pecado – moral, sexualidade e inquisição no Brasil*, Rio de Janeiro: Campus, 1989 e *História da Sexualidade no Brasil*, Rio de Janeiro: Geral, 1996; Emanuel Araújo, *O teatro dos vícios: transgressões e transigência na sociedade urbana colonial*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1997; Sheila de Castro Faria, *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1998; *História das Mulheres no Brasil*, (Coord. Mary Del Priore), São Paulo, Contexto, 2000; *História do Amor no Brasil* (coord. Mary Del Priore), S. Paulo, Contexto, 2005.

¹² Em 1973, apresentou a tese de livre-docência na Universidade de S. Paulo, *Linguagem, cultura e sociedade. O Rio de Janeiro de 1808 a 1821*. Por exemplo, o capt. III é sobre “O casamento e suas normas”.

¹³ “Sistema de casamento no Brasil Colonial”, Sep. *Revista Ciência e Cultura*, vol. 28, nº11, pp. 1250-1263.

adapta de modo algum, na sua totalidade, à realidade social existente no Brasil da segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do século XIX.¹⁴

Para além da questão da “história regional”, lembra a necessidade de os historiadores definirem o seu campo de análise, estabelecendo tipologias das famílias do Brasil colonial. O estudo de dotes, partilhas, heranças, morgados, implica analisar separadamente “as famílias dos senhores de engenho, dos fazendeiros de gado, dos proprietários de lavras auríferas, dos donos de sítios, chácaras ou roças, e dos negociantes de grosso trato e de retalho”¹⁵. Tendo percepção do muito que faltava fazer – e ainda falta fazer -, escreveu em 1984 o *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*, referente à Capitania de S. Paulo, a *Vida privada e quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e de D. João VI*, referente aos anos de 1777 e 1822, em 1993 e *História da Família no Brasil Colônia*, para os séculos XVI e XVII. Um outro tema que foi introduzido nas suas pesquisas foi o tema da pobreza feminina no Brasil Colonial¹⁶.

Se actualmente – desde alguns anos a esta parte – a temática é inserida na *História das Relações de Género* – o género como categoria de análise, leva a que muitos investigadores vejam o tema como uma área menor de estudo dentro do império colonial, não representando qualquer valia para a compreensão do história colonial de Portugal. Mas tal não corresponde a qualquer rigor científico, pois as mulheres sempre fizeram parte da história ultramarina. Em 1999 Beatriz Nizza da Silva, escrevia: “Há quem pense dever substituir-se o composto *estudos sobre as mulheres* por outro que se pretende mais conceptual, *estudos de género*, mas esta mudança significa simplesmente o desejo de hegemonia de algumas ciências humanas sobre as demais. Se em algumas este conceito criado foi e continua a ser útil, para outras é totalmente supérfluo, como

¹⁴ *Nova História da Expansão Portuguesa*, direcção Joel Serrão e Oliveira Marques, vol.III: *O Império Luso-Brasileiro 1750-1822*, coordenação de Maria Beatriz Nizza da Silva, Ed. Estampa, 1986, p. 218.

¹⁵ “Dimensão da Historiografia da Família No Brasil Colonial”, *Revista da SBPH*, Curitiba, nº13, pp.16, 1977. Neste estudo a historiadora salienta para o século XVII, os estudos de: José António Gonsalves de Mello e Evaldo Cabral de Mello para Pernambuco e Muriel Nazzari e Alida Metcalf para S. Paulo; Wanderley Pinho e Pedro Calmon para a Bahia. Relativamente à gente de cor, a maioria dos estudos centram-se mais nas famílias escravas do que sobre as famílias de forros, salientando o estudo exaustivo sobre este aspecto de Eliane Golschmidt, mas só para a Capitania de S. Paulo.

¹⁶ Colonização Portuguesa no Brasil: “A População Feminina e sua Sobrevivência Económica no fim do Período Colônia”, *Revista de Ciências Históricas* Porto: Universidade Portucalense, 1991, pp.257-269 e “Pobreza Feminina no Brasil Colonial”, *Revista de Ciências Históricas*, nº XI, Porto: Universidade Portucalense, 1996, pp.91-100; Maria Beatriz Nizza da, “Mulheres na Colônia: uma história a ser escrita”, *Revista Brasileira da SBPH*, Curitiba, nº18, 2000, pp. 3-18,

em demografia ou em antropologia física, por exemplo. Aliás, em história das mulheres o conceito de género é constantemente utilizado na prática sem que os historiadores percam tempo com a sua análise ou o coloquem em evidência nos seus estudos”¹⁷.

Mais recentemente outros aspectos ligados à história da mulher começaram a ganhar mais notoriedade, por exemplo os estratos marginais da sociedade, como: concubinas, adúlteras, filhas ilegítimas, a pobreza feminina ou o abandono de crianças nas rodas dos enjeitados¹⁸. Também a participação feminina – mestiças - no comércio de escravos do continente africano para o Brasil ganham cada mais notoriedade, cite-se a este propósito os trabalhos da historiadora Selma Pantoja da Universidade de Brasília.

II

A segunda parte do trabalho prende-se com a apresentação do livro de Rosário Sá Coutinho, *Mulheres Aventureiras. Portuguesas Espalhadas Pelos Quatro Cantos do Mundo*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009. A autora apresenta-nos oito *pequenas biografias de mulheres notáveis* que se espalharam pelos quatro cantos do Império Português (século XVI ao século XIX). Estas são figuras quase desconhecidas ou mesmo ignoradas pela História. Em alguns casos, a sua acção desenvolveu-se em regiões do Império associadas a espaços de guerra ou de difícil penetração de cristãos, refira-se o Norte de África e o Reino do Grão Moghol.¹⁹

¹⁷ *Os Estudos Sobre e as Mulheres. A difícil interdisciplinaridade*, ex aequo, nº1, 1999, pp. 32. Ler: Eni de Mesquita Samara, “A história da família”, Revista Brasileira de História, s. Paulo, ANPHU/Marco Zero, vol. 9, nº 7, set. 1988/fev. 1989, pp. 7-35. Estes são alguns dos estudos escritos por Beatriz Nizza da Silva, mas são apenas uma pequena parte.

¹⁸ Sobre o tema destacamos: Maria Beatriz Nizza da Silva, “Pobreza Feminina no Brasil Colonial”, Separata da *Revista de Ciências Históricas*, nº XI, Universidade Portucalense, 1996, pp.91-100; Renato Pinto Venâncio, *Famílias abandonadas. Assistência à Criança de Camadas Populares no Rio de Janeiro e em Salvador – Séculos XVIII e XIX*, S. Paulo, Papyrus, 1999; Luciano R. de A. Figueiredo, “Comércio feminino e tensão social” *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1993, pp. 34-74; Luiz Mott, *A Inquisição em Sergipe*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente/ FUNDESC, 1989. Ronaldo Vainfas, org. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, pp. 19-40. Ronaldo Vainfas, “Inquisição, moralidades e sociedade colonial”, *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, Campus, 1989, p. 215-240.

¹⁹ Não iremos desenvolver a investigação, apenas resumir o que a autora do livro reuniu sobre estas mulheres. Tentamos dar a conhecer aos ouvintes uma outra realidade histórica-cultural do Império

Quatro destas mulheres viveram no Norte de África: D. Isabel Henriques, condessa do Redondo, mulher do capitão de Arzila, D. João Coutinho; D. Mécia de Monroy, filha do capitão de Santa Cruz do Cabo de Gué; D. Maria d'Eça, *governadora de Ceuta* entre 1548 e 1549, na ausência do marido; Antónia Rodrigues, a *heroína de Mazagão* que embarcou para Marrocos disfarçada de grumete para fugir aos maus tratos da irmã. Dois aspectos se destacaram na sua acção: diplomacia entre cristãos e mouros e governação.

D. Mécia de Monroy, filha do capitão de Santa Cruz do Cabo de Gué - praça mais isolada no N. África -, actual Agadir, foi levada cativa pelo xerife mouro para Marraquexe e tornou-se uma das suas mulheres. Por opção ou fruto das circunstâncias mudou o nome para Alia e abraçou o islão. Pelas descrições adaptou-se à cultura local sem esquecer a tradição europeia: fez tatuagens de *henné*, aceitou as outras mulheres, mas adornava-se também com elementos europeus.

Antónia Rodrigues nascida numa família humilde, aos 12 anos vestiu-se de grumete (nome António) e embarcou clandestinamente para Mazagão, em 1592. Foi soldado e foi promovida à cavalaria, com direito a soldo e assim viveu durante 5 anos. Com medo de ser descoberta, confessou ser mulher e acabou por casar com um cavaleiro. Regressou ao Reino e recebeu do rei tenças e mercês. Tornou-se numa heroína, *Joana D'Arc Portuguesa*.

D. Juliana Dias da Costa filha dum físico português – Agostinho Dias da Costa – e de uma escrava arménia, tornou-se no braço direito do Grão-Mogol, durante mais de 40 anos, falava fluentemente árabe e português (língua franca). Foi guardiã do harém, amiga e conselheira de soberanos, em terras muçulmanas. Aqui viveu como cristã e financiou algumas missões jesuítas na região e a ela se devem, em parte, as boas relações entre o reino do Grão-Moghol e Portugal, afastando a concorrência holandesa. Segundo um embaixador holandês que a visitou diz ter na sua sala livros europeus: obras de Galileu, o *Discurso do Método*, a *Suma Oriental*, os *Colóquios*....²⁰

Português, onde muitas mulheres lusas se fixaram, cujo espaço pouco ou nada é conhecido pelos académicos e estudantes brasileiros.

²⁰ Este exemplo demonstra a circularidade cultural de havia entre Ocidente e Oriente e a importância das comunidades ou pessoas mestiças na introdução da cultura ocidental ou a criação de uma nova cultura, onde se conjugam elementos ocidentais e autóctones.

A Marquesa de Távora inaugura um novo momento para a história da mulher no Oriente. Foi a primeira mulher de vice-rei que embarcou para Goa. Levou consigo todo o esplendor barroco da corte de D. João V. No regresso ao reino e na sequência da perseguição que o Marquês de Pombal fez aos Távoras foi morta.²¹

D. Francisca Josefa de Moura Menezes, a “Chiponda” (séc. XVIII-XIX), mestiça de Tete, foi uma rica e poderosa comerciante na região de Moçambique. Financiou as primeiras expedições portuguesas para o interior do continente africano. Era uma intermediária entre as caravanas que traziam ouro, marfim e escravos do continente para os entrepostos comerciais de Sofala e da Ilha de Moçambique. Apesar de mestiça mantinha os “modos de vida europeu”²²

Por último surge-nos D. Maria Bárbara Garcês Pinto de Madureira. Depois da independência do Brasil e tendo o marido sido nomeado representante nas Cortes do Rio de Janeiro, acabou por administrar sozinha o engenho de açúcar da família no Recôncavo baiano, perante grandes adversidades, dado que se opunha à independência do Brasil²³.

O que acima expusemos dá-nos exemplos concretos de situações vividas por mulheres que na sequência de um determinado momento político, ou fruto de circunstâncias da vida, conseguiram arranjar mecanismos de resistência, de sobrevivência e de adaptação à realidade circundante. De uma maneira ou de outra todas elas desafiaram comportamentos, mentalidades e preconceitos epocais. Não se limitaram ao espaço privado e são as responsáveis pela introdução ou continuidade dos valores da cultura ocidental nas sociedades em que se movimentaram fora da Europa e pela formação de uma sociedade culturalmente mista.

²¹ Até ao século XIX não embarcavam mulheres, à excepção das órfãs d’ El Rei, degredadas ou as que partiam clandestinamente

²² A historiadora Selma Pantoja tem desenvolvido o tema.

²³ Como referimos os estudos sobre a mulher no Brasil ganham cada vez mais importância. No entanto, desconhecemos trabalhos em torno desta mulher.

A última nota que gostaríamos de deixar, prende-se com a análise que se tem feito a respeito do Norte de África. A maioria dos estudos acentua apenas a guerra e as negociações que a coroa portuguesa teve de estabelecer afim de conseguir negociar uma actividade comercial. Portanto, o livro, aqui apresentado, abre-nos uma porta para que se esmiúce e analise uma outra história sobre a presença portuguesa: a história da mulher a cultural e a religiosa.